

1

EDEN

30 de outubro

Toda a gente mente e toda a gente morre. Estas são das poucas coisas de que podemos ter a certeza num mundo incerto. É na penumbra que eu sou feliz. Aquela pequena fatia do tempo que separa a noite do dia e o dia da noite. O crepúsculo. O pôr do sol. O anoitecer. Se dermos nomes diferentes às coisas, é fácil fazermos de conta que não são a mesma coisa. Como amor e desgosto amoroso. Não há alegria que sempre dure. Nem dor que nunca se acabe, e o tempo é demasiado precioso para ser desperdiçado. Por isso, embora esteja a ficar tarde, e o céu já se esteja a vestir de lusco-fusco, eu saio ao encontro da noite e corro.

O ar frio do fim do dia açoita-me o rosto e fere-me a pele, e eu vejo nuvens da minha própria respiração à minha frente, mas eu gosto quase tanto do frio como do escuro. O aroma do mar inunda-me os sentidos e ouço as ondas a bater à distância, um som que se faz mais alto à medida que me aproximo. Os próximos sessenta minutos são meus. Na próxima hora, não sou apenas a esposa, nem uma mãe, nem uma mulher a tentar encontrar o seu caminho num mundo cada vez mais perdido. Na hora que se segue, sou só eu. Atiro as preocupações para trás das costas, bem como o telemóvel, sabendo que os meus problemas ainda estarão à minha espera quando chegar a casa.

Corro pela colina abaixo em direção à aldeia, o rabo de cavalo comprido a balançar de um lado para o outro enquanto os ténis atacam o passeio. Vivo para estes momentos em que me sinto jovem e livre outra vez. Ainda estou na casa dos trinta e não sou velha, mas um aniversário importante é um marco que me motivou a fazer algumas mudanças. Correr foi só uma delas. Estou muito agradecida por tudo o que tenho — o meu marido, a nossa casa, a minha saúde, a nossa liberdade —, mas, às vezes, não posso deixar de pensar no que teria acontecido se tivesse feito outras escolhas quando era mais nova. A vida está cheia de portas de correr e becos sem saída, e eu tenho a certeza de que toda a gente pensa nos *e se* de vez em quando. Corro um pouco mais depressa, como se pudesse fugir aos pensamentos se conseguisse ganhar-lhes algum avanço. Sou boa a fugir do mundo quando a vida real começa a ficar muito barulhenta.

A pitoresca aldeia de pescadores que se fez nossa casa há pouco tempo é pequena, castiça e pacata. Hope Falls está entrincheirada entre a costa da Cornualha e as charnecas selvagens. Entrar na aldeia é como recuar no tempo e eu gosto de viver numa terra com tanta história. As cidades modernas raramente têm uma boa história para contar, um pouco como as pessoas modernas. Uma rede de vielas e ruas calcetadas densamente ocupadas por casas geminadas minúsculas e lojas independentes muito originais estende-se até à beira-mar. Quase todas as lojas estão fechadas, assim como os cafés e restaurantes, nesta altura do ano em que os turistas voltam para as cidades de onde vieram. O porto é flanqueado por antigas casinhas de pescadores pintadas em bonitos tons de pastel, mas a maioria é agora usada apenas para as férias e fica vazia no inverno. A sensação de que estamos numa aldeia fantasma pode incomodar algumas pessoas, mas eu gosto da paz e do sossego. Acalma-me.

Continuo a correr e só abrando quando chego à galeria de arte, mas não paro.

Nem sequer quando vejo o meu nome num cartaz na janela.

Eden Fox
Exposição da artista local
Hoje às 20h00

A minha primeira exposição ainda parece um sonho tornado realidade. Um sonho que tenho há muito tempo. Há tempo demais.

É o que acontece quando vivemos o sonho de outra pessoa em vez do nosso.

Casei nova. Durante anos, ser esposa e mãe pareceu um emprego a tempo inteiro, mas tenho finalmente algum tempo livre para fazer algo por mim agora que a nossa filha já não mora connosco. Depois de ter ultrapassado o sentimento de culpa inicial por me pôr em primeiro lugar por uma vez, reabilitar a minha ambição trouxe-me uma sensação boa, e pintar é a minha única verdadeira paixão. Os sonhos esvaziavam-se quando envelhecemos. Às vezes desaparecem por completo, a vida real suga-lhes o ar todo, mas eu estou a tentar ressuscitar o meu. Hoje à noite vou mostrar o meu trabalho pela primeira vez e vai ser a primeira vez que eu e o meu marido vamos estar com os nossos vizinhos. Pessoas que espero que possam tornar-se nossas amigas, porque é algo em que não sou pródiga. Dói pensar no porquê. Por isso, concentro-me na respiração, encontro o meu ritmo e fujo das preocupações.

Mas elas não demoram a alcançar-me de novo.

O meu marido não é o mesmo desde que a nossa filha saiu de casa e nós nos mudamos para aqui. Não consigo perceber se é apenas a síndrome do ninho vazio ou algo mais. Sair da cidade foi ideia minha, mas a mudança para a Cornualha foi ideia dele, apesar de ele ter emprego em Londres. O Harrison manteve o nosso antigo apartamento na cidade e às vezes fica lá em vez de vir para casa ter comigo. Eu não me importo; o trabalho dele é importante. Importo-me que esteja secretamente com a nossa filha sem mim e pense que eu não sei, mas eles os dois sempre tiveram uma relação mais próxima, embora tenha sido eu quem abdicou da vida que tinha para tomar conta dela e a criar porque ele estava demasiado ocupado.

Está quase completamente escuro quando chego ao porto pitoresco onde sou saudada por vistas panorâmicas do oceano. Os paredões altos de granito preto do porto protegeram esta aldeia ao longo de mais de duzentos anos e continuarão com certeza de pé muito depois de eu partir. Robustos. Sólidos. Seguros. Estes paredões são tudo o que eu não sou mas gostaria de ser, e eu toco na pedra para dar sorte embora

saiba bem que não existe tal coisa. Filas de barcos de pesca a balançar decoram a orla, as diferentes cores obscurecidas pela penumbra, e o ar noturno é calmo, frio e silencioso. Quando me viro para o caminho costeiro, a última nesga de luz foi engolida pelo horizonte e a única coisa que ilumina o mar é o reflexo da lua cheia: um caminho de prata a brilhar sobre ondas escuras. Há um manto preto infinito de céu coberto de lantejoulas em forma de estrelas, todo um universo de possibilidades e maravilhas sem fim que me lembra de como somos pequenos e insignificantes e de como os nossos problemas aparentemente inultrapassáveis não têm assim tanta importância.

Sou dolorosamente tímida. A ideia de estar com tantos estranhos na galeria hoje à noite, sabendo que *me* estarão a julgar em silêncio, e não apenas ao meu trabalho, enche-me de medo. Há pessoas que adoram uma boa festa; pessoalmente, eu prefiro um bom livro. Passei anos sozinha em casa a tomar conta da nossa filha. As coisas podiam ter sido diferentes se ela fosse *normal*, mas ela precisava de mim em permanência, razão por que estou destreinada no que se refere a situações sociais. Raramente saio de casa a não ser para correr. O Harrison é o oposto. Sempre soube como seduzir estranhos e como fazer com que se apaixonassem por ele. Tal como fez comigo. Eu nunca fui muito dada a relações interpessoais. Passei uma vida inteira a sentir que não encaixava nem pertencia a lugar nenhum, mas espero que as coisas possam ser diferentes agora que nos mudamos para aqui.

Um novo começo para uma nova mulher.

Corro com o sal do mar no rosto e o som tranquilizador do oceano nos ouvidos e lanço-me para a frente na parte mais íngreme do caminho da costa até ao cimo da colina, onde há uma queda de água a cair em cascata da arriba. O Harrison e eu partilhámos um piquenique romântico neste lugar há pouco tempo para vermos o pôr do sol. Ele chamou-lhe o *nosso lugar especial*, mas o lugar panorâmico que deu nome a Hope Falls também é o lugar onde muitas pessoas deixam de ter esperança. O cartaz com o número da linha de prevenção de suicídio cuidadosamente posicionado deixa-me sempre um pouco melancólica. Acho que, às vezes, a esperança falha. Continuo na minha rota circular durante mais ou menos um quilómetro e meio, depois saio do caminho

costeiro para seguir mais para terra em direção à charneca. Corro para fugir de tudo, mas acabo sempre aqui, onde comecei. A ironia não me passa despercebida.

A nossa casa fica mesmo às portas da aldeia, completamente isolada no cimo de uma colina íngreme, literalmente integrada nas falésias com vista para Hope Falls. Chamava-se *Spyglass*, ou luneta, quando a comprámos, um nome que assenta no edifício pitoresco com enormes janelas que parecem olhos. A casa tem paredes brancas e toscas, como ondas, e saber que é a nossa casa para sempre deixa-me feliz. É uma emoção que não tenho há muito e estou aliviada por ainda a poder sentir. Espero que o vestido de veludo preto *vintage* que escolhi para usar mais logo também ainda me sirva.

A *Spyglass* foi construída no século XVI; era de uma mulher que viveu lá durante quase cem anos. Parecia mais um museu do que uma casa quando lá entrámos pela primeira vez. Não podia ser mais diferente do nosso apartamento em Londres e deu para perceber que o Harrison não tinha a certeza se era o que queria fazer. O custo potencial esteve quase a toldar-lhe a visão do potencial, mas, quando me apaixono por uma coisa, tenho de a ter. Renovar tem mais que ver comigo do que com ele — o meu marido não tem paciência —, mas, às vezes, até as transformações mais simples podem transformar um lugar — ou uma pessoa —, tornando-as quase irreconhecíveis.

Quando chego ao portão da frente, vejo que o carro da crise de meia-idade do Harrison está na entrada. Fico tão contente por ele ter chegado de Londres a tempo da minha exposição, que corro pelo caminho no meio do jardim com vontade de o ver. Tivemos mais do que a nossa quota parte de tempos difíceis e desgostos ao longo dos anos, mas tudo isso já passou. Hope Falls é um recomeço para o nosso casamento, não apenas para mim, e eu espero que ele fique orgulhoso de mim esta noite. Talvez olhe para mim como fazia dantes, quando ainda éramos só nós. A pessoa que eu já fui está sempre em luta com a que quero ser.

A única coisa que levo comigo quando corro é a chave da porta da frente de casa.

Quando a tento introduzir na fechadura, não a consigo encaixar, pelo que tento de novo.

Continua sem entrar e eu não compreendo porquê.

É como se estivesse a usar a chave errada, ou como se estivesse na casa errada, o que não é possível. Esta é a única propriedade nesta viela rural sossegada com vista para a aldeia.

Olho para a chave, depois para a porta. A chave está no porta-chaves que o Harrison me deu no dia em que comprámos a casa. Partilhámos uma garrafa de champanhe no nosso lugar especial junto à queda de água, a ver o pôr do sol e o nascer da lua, e ele estendeu-me uma caixa de presente muito bonita. No interior havia uma chave de uma casa num porta-chaves de prata com o meu nome — Eden —, rodeado de estrelas à frente e a palavras *Amo-te daqui até à lua* no outro lado. Tento abrir a porta de novo e, ao ver que a chave ainda não entra, bato a aldraba em forma de raposa três vezes. Deve haver uma explicação simples. O mais certo é que o Harri me pegue na chave das mãos e a enfie imediatamente na fechadura, fazendo-me passar por parva. A ideia volta a fazer-me sorrir, mas o sorriso não demora a ser substituído por uma careta.

Não é o meu marido que abre a porta.

É uma mulher.

Nunca a tinha visto, mas há algo nela que me parece familiar.

É muito parecida comigo.

— Posso ajudá-la? — pergunta, e eu fico surpreendida ao perceber que até a voz se assemelha à minha.

De início, não falo. Tenho a sensação de que não consigo. Em vez disso, fico parada a olhar para ela.

Está a usar o vestido de veludo preto que eu tinha pensado usar logo à noite.

— Quem é a senhora? — pergunto, mas a minha voz sai num sussurro.

— Sou a Eden Fox. Vivo aqui.

2

EDEN

— *E*^u é que sou a Eden Fox. Que conversa é essa?

A mulher olha para a chave que eu ainda tenho na mão como se estivesse a brandir uma arma. Olha-me de cima a baixo, fazendo-me sentir estranhamente inibida por estar vestida com roupa de corrida enquanto ela está a usar o *meu* vestido e a abrir a porta da *minha* casa. Depois olha para mim como se pensasse que sou maluca ou perigosa ou ambos.

Por um momento, pergunto-me se serei.

Mas eu *sou* a Eden Fox e esta *é* a minha casa.

Podemos ter-nos mudado há poucas semanas, mas quase não saí da *Spyglass* desde então. A proprietária anterior viveu aqui durante quase cem anos. Dizer que a casa estava num estado lastimável seria ser meiga, mas as coisas que se estragam podem, muitas vezes, ser reparadas com um pouco de amor e muito trabalho. Não obstante o impressionante salário que o meu marido recebe como presidente-executivo de uma empresa em Londres, não tínhamos muito dinheiro disponível depois da mudança, pelo que fui eu que fiz uma boa parte do trabalho. Não me esqueci de que arranquei a alcatifa, lixei os chãos e pinteí as paredes sozinha enquanto o Harrison ainda estava na cidade. Deixei o sangue, o suor e a alma neste lugar.

Esta casa é minha.

— Acho que se enganou — diz a mulher, que afirma que a casa é dela e que *ela é eu*.

É verdade que até é parecida comigo.

Está a usar a minha roupa.

Até cheira ao meu perfume.

A mulher começa a fechar a porta e eu sinto-me desorientada e estranha, como quando sabemos que estamos a ter um pesadelo e tentamos acordar. Mas isto não é um sonho e eu não compreendo o que está a acontecer.

Ponho o pé na entrada para a impedir de fechar a porta e ela baixa os olhos para os meus ténis de corrida. A boca faz um O perfeito. Parece tão surpreendida, que eu me sinto tentada a pedir desculpa.

— Não sei quem a senhora é, mas esta é a *minha* casa — insisto.

— É óbvio que está confusa. Mudei-me para aqui há poucas semanas — diz ela num tom algo assustado.

Mas está a mentir.

Não foi *ela* que se mudou para aqui há poucas semanas. Fui eu.

Passam-me milhões de coisas pela cabeça, mas nenhuma delas faz sentido.

Tenho receio de que se trate de um roubo de identidade elaborado, mas não há muita coisa de valor no interior. O Harrison tem um emprego bem pago, mas, com a hipoteca e os honorários da nossa filha para pagar, a liquidez não é a melhor. Não existe nenhuma razão lógica para que me queiram roubar o nome, a vida ou as coisas. Não passamos de pessoas normais, a viver numa casa normal e a levar vidas normais. Gostava de não ter deixado o telemóvel na bancada da cozinha. Se não o tivesse feito, podia pelo menos ligar a alguém, embora não saiba ao certo a quem. Olho bem para o rosto da mulher, preocupada ao ver como somos parecidas. Até o cabelo liso comprido da mulher tem o mesmo corte do meu, o rosto tem o mesmo tom de maquilhagem discreto, e eu sei que aquele é o meu vestido. Comprei-o numa boutique minúscula em Londres e tenho-o há anos; eu própria o arranjei quando se rasgou numa festa. Tendo a desenrascar e a remendar tudo na minha vida.

É mesmo parecida comigo. Uma versão um pouco mais velha e um pouco mais polida de mim. É como se fosse a pessoa que eu poderia ter sido se me preocupasse mais com a minha aparência. E se tivesse podido passar os últimos dez anos da minha vida a cuidar de mim e não da minha família.

A mulher está agarrada à porta da frente e eu vejo-lhe mais uma coisa que reconheço na mão.

Está a usar o meu anel de noivado e a minha aliança.

Tiro-os sempre quando vou correr. Não quero atrair atenções quando estou a correr sozinha à noite. Despojo-me de tudo o que tenha valor quando estou vulnerável devido a um medo enraizado de que me tirem as coisas que amo, coisas pelas quais trabalhei muito e me esforço tanto para manter.

Olho para a minha aliança. O meu vestido. A minha casa. A cara dela.

A confusão faz-se raiva e o medo transforma-se em fúria.

— O que raio é que está a acontecer? — disparo.

Ela tenta fechar a porta de novo.

— Já lhe pedi para sair da minha propriedade.

— A propriedade não é *sua*, sua cabra maluca — digo, a levantar a voz. Ela parece subitamente assustada e olha por cima do meu ombro como se houvesse alguém atrás de mim na escuridão. Eu também olho e não está lá ninguém, mas, quando me viro para olhar bem, vejo o carro do Harrison na entrada outra vez. — Onde está o meu marido?

— Não sei quem é a senhora nem quem é o seu marido — diz ela a recuperar a compostura. — Mas, se não se for embora imediatamente, vou chamar a polícia.

— Boa. Faça o favor de chamar — atiro. — Se tivesse o telemóvel comigo, eu própria o faria.

É então que ouço a voz dele e sinto um enorme alívio.

— Está tudo bem? — pergunta o Harrison, vindo do corredor atrás dela com o passo apressado a olhar na minha direção. Ainda está com o fato do trabalho vestido, o Armani preto acompanhado por uma camisa e uma gravata pretas. Apesar de ser dez anos mais velho do que eu, a aparência bem cuidada e o apuro no vestir fazem-no parecer

muitas vezes mais novo do que é. Alguns homens ficam mais bem-parecidos com a idade e o meu marido é um deles. É o meu rochedo. O meu amante. O meu melhor amigo. Não sei o que está a acontecer, mas, agora que ele está aqui, vai ficar tudo bem.

Ela responde antes de eu o conseguir fazer:— Esta *mulher* pensa que vive aqui — diz-lhe. — Está a fazer todo o tipo de ameaças e não quer tirar o pé da porta.

Eu fico à espera de o ver a perguntar-lhe quem diabo é *ela* para depois me deixar entrar.

Mas o Harrison detém-se junto à porta, pousa o braço protetor na mulher que eu nunca tinha visto e olha com a cara fechada para mim antes de falar.

— Esta é a nossa casa. Eu não a conheço. Vá-se embora, por favor — diz.

De seguida, o meu marido bate-me a porta na cara.